ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)



EDUCAÇÃO ESPECIAL & INCLUSIVA

Da Teoria à Empiria

EDITORA

EDUCAÇÃO ESPECIAL & INCLUSIVA

Da Teoria à Empiria

EDUCAÇÃO ESPECIAL & INCLUSIVA

Da Teoria à Empiria

ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se72 SENHORAS, Elói Martins; PAZ, Ana Célia de Oliveira Paz (organizadores).

Educação Especial & Inclusiva: Da Teoria à Empiria. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-979656-4-9

1 - Brasil. 2 - Educação Especial e Inclusiva. 3 - Empiria. 4 - Estudos de Caso. 5 - Teoria.
I - Título. II - Senhoras, Elói Martins. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 3

Tecnologia Assistiva e Educação Inclusiva:
Rompendo Barreiras para a Participação e Aprendizagem

TECNOLOGIA ASSISTIVA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ROMPENDO BARREIRAS PARA A PARTICIPAÇÃO E APRENDIZAGEM

Isabela da Costa[1]

Eromi Izabel Hummel[2]

A tecnologia assistiva é uma área do conhecimento que vem se expandindo cada vez mais em nosso país, embora ainda tenham muitos que desconheçam o seu uso e potencialidades por acreditarem se tratar de algo novo. Mas, desde os primórdios da humanidade, o homem já fazia uso de suportes de madeira para a locomoção e outros recursos confeccionados manualmente para ajudar nas possíveis dificuldades físicas ou motoras. Atualmente, o ser humano continua utilizando recursos que podem variar dos mais simples aos mais sofisticados, estando presentes na comunicação, alimentação, transporte, educação, lazer, esporte, trabalho, elementos arquitetônicos e outros.

Para Manzini (2005), a tecnologia assistiva pode variar desde o uso de uma bengala, que pode oportunizar mobilidade e segurança para caminhar, ou quando a pessoa utiliza um veículo adaptado no seu dia a dia. Alguns podem ser produzidos manualmente com materiais de baixo custo, já outros contam com suportes tecnológicos

[1] Professora da Educação Básica. Mestre em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail para contato: isa2920c@gmail.com

[2] Professora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Doutora em Educação. E-mail para contato: eromi.hummel@unespar.edu.br

mais avançados e podem ter um alto custo de produção, mas ambos exercem a mesma finalidade de favorecer a autonomia pessoal.

Infelizmente, hoje, muitos ainda a desconhecem, acreditam nunca ter visto ou que se trate de algo fora do alcance, mas, na verdade, a tecnologia assistiva (TA) pode reunir uma gama de estratégias, recursos, práticas, serviços, métodos etc., que sejam utilizados para auxiliar pessoas com deficiência e mobilidade reduzida em diferentes espaços sociais. Toyoda e Lourenço destacam que a discussão sobre TA no Brasil não é um processo novo, pois já estava presente no país em meados da década de 70. No entanto, a relação entre TA e educação começou a ser discutida e estudada a partir da década de 90 (CALHEIROS; MENDES; LOURENÇO, 2018).

Nesse sentido, o uso de TA já era defendido por Sassaki (1996), considerado precursor da inclusão no Brasil. Ele propôs a tradução do termo derivado do inglês *assistive technology*[3], que mais tarde deu origem ao que chamamos hoje de Tecnologia Assistiva, definindo-a como um conjunto de suportes, serviços e produtos destinados a promover mais qualidade de vida, autonomia e inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

> Mas como traduzir assistive technology para o português? Proponho que esse termo seja traduzido como tecnologia assistiva pelas seguintes razões: Em primeiro lugar, a palavra assistiva não existe, ainda, nos dicionários da língua portuguesa. Mas também a palavra assistive não existe nos dicionários da língua inglesa. Tanto em português como em inglês, trata-se de uma palavra que vai surgindo aos poucos no universo vocabular técnico e/ou popular. É, pois, um

[3] A tradução mais comum e recomendada para *assistive technology* em português é tecnologia assistiva.

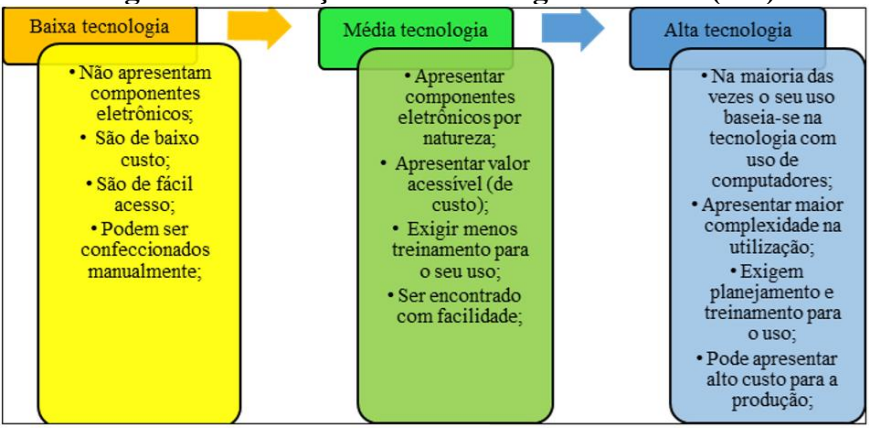
> fenômeno rotineiro nas línguas vivas. Assistiva (que significa alguma coisa "que assiste, ajuda, auxilia") segue a mesma formação das palavras com o sufixo "tiva", já incorporadas ao léxico português.[...] Nestes tempos em que o movimento de vida independente vem crescendo rapidamente em todas as partes do mundo, o tema tecnologia assistiva insere-se obrigatoriamente nas conversas, nos debates e na literatura. Urge, portanto, que haja uma certa uniformidade na terminologia adotada, por exemplo com referência à confecção/fabricação de ajudas técnicas e à prestação de serviços de intervenção tecnológica junto a pessoas com deficiência (SASSAKI, 1996).

Sassaki (1996) evidenciava a importância de utilizar o termo TA como uma padronização para o desenvolvimento de pesquisas, consolidação de políticas públicas e implementação de práticas, elaboração de recursos, dispositivos, entre outros, para que os estudos na área continuassem se expandindo e ganhando cada vez mais reconhecimento científico.

Foi em 2007 que o Comitê de Ajudas Técnicas foi criado no Brasil, a fim de pensar em políticas públicas para a saúde, educação e desenvolvimento tecnológico, que possibilitassem o acesso das pessoas com deficiência aos recursos de TA. Desde então, o país vem conquistando avanços, principalmente no âmbito da escola pública. De acordo com Bersch (2017), nesses últimos anos foram implementadas 40.000 salas de recursos multifuncionais que favorecem a inclusão e também, utilizam recursos de tecnologia assistiva. Segundo a autora, não basta apenas ter o recurso de TA, é necessário que este esteja associado ao serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Galvão Filho (2002) aponta que os recursos podem variar como de baixa tecnologia (*low tech*), média tecnologia (*medium tech*) e alta tecnologia (*high tech*). Para melhor compreensão, o esquema da Figura 1 sintetiza cada uma das variações da TA.

Figura 1 - Variações da Tecnologia Assistiva (TA)



Fonte: Elaboração própria. Baseada em: Galvão Filho (2002).

De acordo com a Figura 1, é possível observar que as classificações de TA apresentam características diferentes, o que não está relacionado a funcionalidade de cada uma. Muito pelo contrário, fazem menção apenas ao nível de sofisticação do recurso, uma vez que há uma grande diversidade de recursos e serviços ofertada para a mesma finalidade. Bersch e Tonolli (2017), ampliando essa discussão, apresentam as categorias de TA organizadas no quadro 1, que nos ajudam a compreender como essas classificações se dividem e quais itens podem ser englobados em cada categoria.

Quadro 1 - Classificação de Tecnologia Assistiva (TA)

Classificação	*Exemplos*
1 Auxílios para a vida diária	Inclui o uso de talheres adaptados para a realização de refeições, além de suportes diversificados de uso doméstico, os quais podem facilitar ao colocar a roupa, cozinhar, organizar utensílios, ligar ou desligar os aparelhos eletrodomésticos de uso diário, escrever, verificar o horário etc.
2 Comunicação aumentativa e alternativa (CAA)	O usuário da CAA emprega recursos como pranchas de comunicação, que são elaboradas com símbolos gráficos (BLISS, PCS e outros), letras ou palavras escritas, para manifestar suas necessidades, anseios, emoções e compreensões. Os vocalizadores de alta tecnologia (pranchas com produção de voz), computadores com softwares específicos e pranchas dinâmicas em dispositivos tipo tablet asseguram uma função comunicativa altamente eficaz.
3 Recursos de acessibilidade ao computador	Entre os dispositivos de entrada, podemos mencionar teclados adaptados, teclados virtuais que utilizam técnica de varredura, mouses especializados e diversos acionadores, programas de reconhecimento de voz, dispositivos que detectam movimentos da cabeça, dos olhos e até ondas cerebrais (pensamento), além de órteses e ponteiras para digitação, entre outros. No que diz respeito aos dispositivos de saída, destacam-se softwares que realizam leitura de tela, programas que ajustam as cores e tamanhos das informações (efeito lupa), softwares que interpretam texto impresso (OCR), impressoras em braile e linhas braile, e impressão em relevo, entre outros.
4 Sistemas de controle de ambiente	O controle remoto pode ser utilizado diretamente ou indiretamente; acontece por meio de acionadores que podem estar conectados no corpo do usuário, podem ser acionados por mecanismos diversos: de movimento dos olhos, comando da voz, tração, entre outros. Dessa forma, o usuário pode controlar sistemas eletrônicos, de iluminação e demais funções do ambiente.

5	Projetos arquitetônicos para acessibilidade	Incluem modificações estruturais, que podem acontecer por meio da construção de rampas, elevadores de acesso, banheiros adaptados, móveis acessíveis, entre outras modificações arquitetônicas que visam o acesso a diferentes ambientes.
6	Órteses e próteses	Tem a finalidade de facilitar a locomoção, auxiliar em atividades manuais como escrever, digitar, manusear talheres e realizar cuidados pessoais, além de promover a correção da postura, estabilização, entre outras utilidades. Em resumo, são os dispositivos usados para a substituição de partes do corpo humano.
7	Adequação Postural	Estão incluídos recursos que ajudam a estabilizar a postura, tanto na posição deitada quanto em pé; assim, itens como almofadas para leito e estabilizadores ortostáticos, entre outros, pertencem a esta categoria de recursos da tecnologia assistiva.
8	Auxílios de mobilidade	Incluem dispositivos como as bengalas, cadeiras de rodas, scooters, andadores, entre outros, os quais podem ser manuais ou elétricos, com a finalidade de ajudar na locomoção do usuário.
9	Auxílios para deficientes visuais ou com visão subnormal	Pode incluir dispositivos diversos, entre eles, podemos destacar: de auxílio visual, como lentes, lupas manuais e eletrônicas; programas de ampliação da tela. Além disso, há os materiais gráficos, podendo apresentar relevos e percepção táteis e, ainda, há os aplicativos de reconhecimento óptico de caracteres.
10	Auxílios para pessoas com deficiência auditiva ou com déficit auditivo	São exemplos os dispositivos como as próteses auditivas, sistemas de alerta visual ou tátil, aparelho de celular com adaptações. Recursos literários, como textos e dicionários digitais que utilizam a língua de sinais. Sistemas de legendas, como close-caption ou legendas. Avatares que representam a LIBRAS.
11	Adaptações em veículos	São dispositivos ou recursos que podem ser encontrados em veículos pessoais ou de uso público, podem ser os elevadores, rampas, adaptação nos assentos, etc.
12	Esporte e lazer	Alguns exemplos incluem cadeira de rodas para basquete, bola com som, suporte para segurar cartas e prótese para escalar no gelo.

Fonte: Elaboração própria. Baseada em: Bersch e Tonolli (2017).

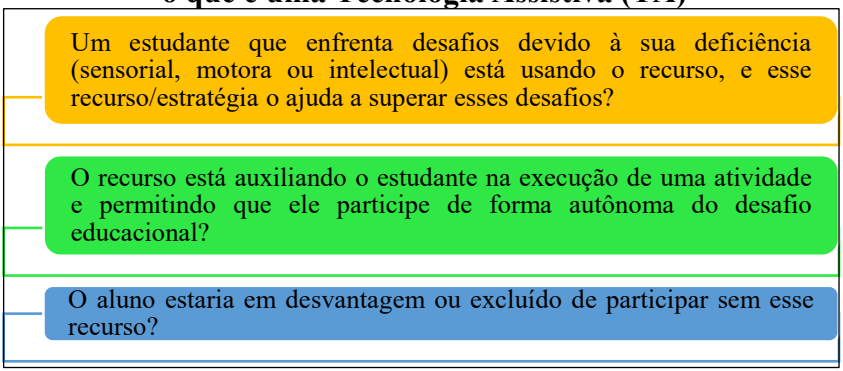
Na escola, a TA tem ajudado alunos a desenvolverem maior independência e autonomia, garantindo-lhes acesso ao conhecimento em condições igualdade para a participação e a aprendizagem. No entanto, Lauand (2005) alerta que, para muitos profissionais da educação, a TA ainda é desconhecida ou até mesmo confundida com a tecnologia educacional. Sobre essa confusão conceitual, Bersch (2017, p. 12) complementa essa discussão, destacando que:

> Um aluno com deficiência física nos membros inferiores e que faz uso de cadeira de rodas, utilizará o computador com o mesmo objetivo que seus colegas: pesquisar na web, construir textos, tabular informações, organizar suas apresentações etc. O computador é para este aluno, como para seus colegas, uma ferramenta tecnológica aplicada no contexto educacional e, neste caso, não se trata de tecnologia assistiva. Qualquer aluno, tendo ou não deficiência ao utilizar um software educacional está se beneficiando da tecnologia para o aprendizado. Na escola o professor propõe novas ferramentas tecnológicas com objetivo de diversificar e qualificar o acesso ativo dos alunos às informações e também proporcionar a eles múltiplas formas de organizarem, expressarem e apresentarem os conhecimentos construídos.

Conforme Bersch (2017, p. 12), quando o aluno utiliza uma tecnologia assistiva, a finalidade é remover barreiras educacionais que, sem o seu uso, o impossibilitariam de participar das atividades escolares. Enquanto isso, a tecnologia educacional é aquela utilizada por todos para a mesma finalidade, não estando relacionada a uma necessidade de suporte específica para um aluno com deficiência ou mobilidade reduzida.

De modo a auxiliar na compreensão sobre o que, de fato, é uma TA, Bersch (2017, p. 12) apresenta três questionamentos que podem ser feitos para diferenciar conceitualmente os termos, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2- Questionamentos sobre o que é uma Tecnologia Assistiva (TA)



Fonte: Elaboração própria. Baseada em: Bersch (2017, p. 12).

A Figura 2 apresenta alguns dos questionamentos que podem ser feitos pelas pessoas, inclusive pelos professores, para identificar e diferencia a TA de outros tipos de tecnologias. Também é válido destacar que, para os profissionais que trabalham diretamente com os alunos, ela não se limita a equipamentos tecnológicos ou materiais de alto custo, podendo também envolver adaptações simples realizadas pelos professores, como modificar um lápis, adaptar uma atividade, utilizar imagens, pranchas de comunicação, ampliar materiais ou modificar a maneira de apresentar determinado conteúdo.

O autor Galvão Filho (2011, p. 05), faz considerações importantes sobre a utilização de recursos que, mesmo que simples,

podem contribuir significativamente para a aprendizagem dos alunos com diversidade funcional. Para ele há uma relação estabelecida pela TA com o estudante "[...] entre o poder ou não estudar e aprender, juntamente com seus colegas", pois o seu uso pode impulsionar a eliminação de barreiras educacionais que impendem a participação ativa na aprendizagem. O autor destaca, ainda, que as interações sociais com o meio também são fundamentais para a formação humana e fazem parte da defesa de uma educação mais inclusiva.

Com isso, as políticas de educação inclusiva, destacam a importância da consolidação das legislações na prática das escolas, visando a garantir os direitos de todos os alunos ao acesso ao ensino de qualidade e ao conhecimento, respeitando suas singularidades pessoais, que podem ser de ordem cognitiva, física, política e social.

No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência, é a Lei nº 13.146, sancionada em 6 de julho de 2015. Além de garantir o direito à matrícula de alunos com deficiência no ensino regular, a legislação destaca outros aspectos importantes relacionados à acessibilidade, à educação, ao trabalho, ao incentivo à cidadania e à participação na sociedade.

A LBI ressalta a necessidade de oferta de ambientes acessíveis e inclusivos (BRASIL, 2015). Embora tenhamos conquistado avanços rumo a uma educação mais inclusiva, anda existem muitos obstáculos educacionais, discutidos por Rodrigues (2008. p. 40):

> [...] o desenvolvimento da Educação Inclusiva depende, em grande parte, do desenvolvimento do sistema educativo no seu conjunto. É muito difícil desenvolver um sistema que, coerentemente, opte pela Educação Inclusiva sem fazer uma aposta decisiva no desenvolvimento da escola regular [...]. A

> Educação Inclusiva, enquanto reforma educacional, só poderá florescer em sistemas educativos capazes de aceitar uma mudança nos seus hábitos e paradigmas.

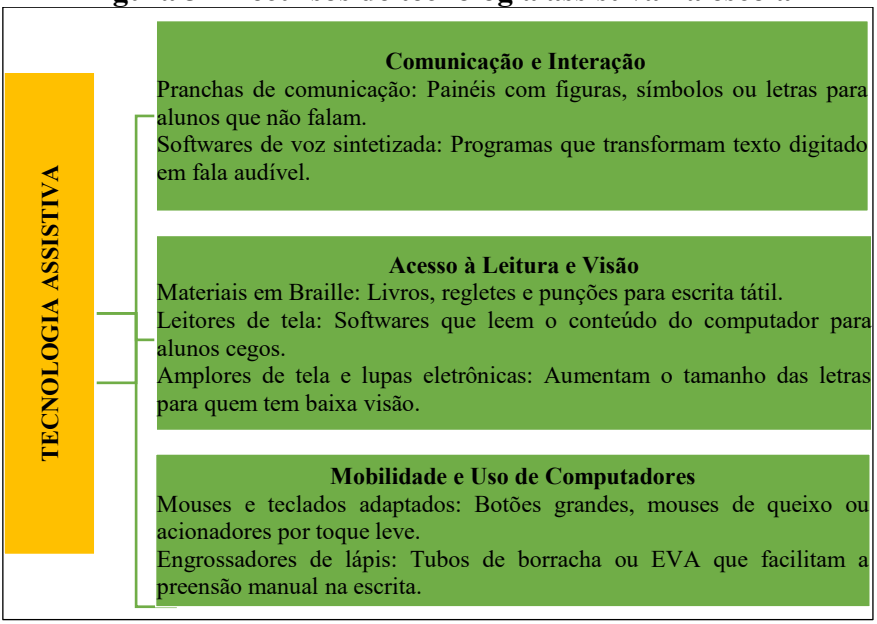
A visão de Rodrigues (2008, p. 40) nos leva a refletir sobe os desdobramentos do cenário educacional atual. Para que uma escola esteja efetivamente integrada aos preceitos da educação inclusiva, não basta apenas colocar as mudanças no papel; são necessárias práticas intencionais de valorização do ser humano e de respeito à natureza pessoal de cada indivíduo ali presente. Dessa forma, as diferenças deixam de serem vistas como problemas e passam a ser compreendidas como oportunidades para o crescimento. Tais aspectos podem ser fortalecidos por meio de mudanças nos paradigmas de ensino, sejam elas humanas, tecnológicas, estratégicas, arquitetônicas ou metodológicas.

Para Galvão Filho (2022, p. 59) "[...] na área educacional, a tecnologia assistiva vem se tornando cada vez mais, uma porta para abertura de novo horizonte nos processos de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com deficiências até bastante severas". Ele também defende que a TA tem sido uma ferramenta fundamental para promover a inclusão de pessoas com deficiência, seja na sociedade ou na escola, pois oportuniza maior empoderamento e autonomia do usuário em diferentes atividades cotidiana.

Nas escolas, os recursos de tecnologia assistiva podem incluir ferramentas, recursos, dispositivos e diversos materiais que podem, inclusive, ser produzidos manualmente pelos professores, com a finalidade de auxiliar os alunos com deficiência a aprender, comunicar-se e participar das aulas com autonomia. Esses recursos podem remover barreiras digitais, físicas, estruturais e arquitetônicas, variando de itens simples até os softwares mais avançados, promovendo comunicação e interação, acesso à leitura e

à visão, mobilidade e uso de computadores, entre outras possibilidades. A Figura 3 exemplifica alguns itens utilizados como recurso de TA utilizados no espaço escolar.

Figura 3 - Recursos de tecnologia assistiva na escola



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 3 representa alguns dos itens da TA que podem ser utilizados em sala de aula. No entanto, sua principal finalidade é proporcionar condições para a participação do aluno na escola, de modo a reduzir ou eliminar as barreiras educacionais. Pequenos ajustes podem ser realizados de maneira prática pelos professores em suportes para a escrita, carteiras, cadeiras e outros recursos, com o objetivo de promover acessibilidade à aprendizagem. Ou seja, trata-se de oferecer condições, por meio de recursos facilitadores, para que

o aluno, independentemente de suas individualidades possa participar da aula e interagir com os seus pares.

Nesse sentido, Mantoan (2024, p. 52) define que, "[...] a inclusão contesta toda e qualquer forma de enquadrar uma pessoa neste ou naquele conjunto". A autora reafirma a importância do respeito a nossa singularidade humana, sem que haja comparações, nivelamento, ou tentativas de enquadrar o ser humano dentro de um padrão estabelecido por modelos sociais, o que também é valido para o contexto escolar.

Essa perspectiva de Mantoan (2024) está alinhada aos ideais da Educação Inclusiva, considerando que cada pessoa possui seus gostos, habilidades e limitações distintas, mas todas têm direitos à comunicação, à mobilidade, ao acesso à informação, à aprendizagem e ao lazer. Nesse sentido, a TA não deve ser vista apenas como um conjunto de recursos ou equipamentos, mas como uma possibilidade de ampliar a participação de pessoas com deficiência nos diferentes espaços sociais, assim como, na escola.

Em síntese, a TA possibilita hoje a interrupção da limitação, da impossibilidade, auxiliando pessoas com deficiências leves e até mais severas. Trata-se de oferecer caminhos para aprender, comunicar-se, movimentar-se, interagir e fazer escolhas com maior autonomia. Na escola, isso significa olhar para o aluno antes de olhar para a sua deficiência, reconhecendo suas potencialidades e buscando estratégias que permitam a sua participação e aprendizagem.

CONCLUSÃO

A tecnologia assistiva se consolida atualmente como uma importante ferramenta para a efetivação da Educação Inclusiva na

prática educacional, especialmente por contribuir para a eliminação de barreiras que podem dificultar a participação, a comunicação, a autonomia e aprendizagem de alunos com deficiência e diversidade funcional. A partir das discussões apresentadas, conclui-se que a TA não se limita apenas aos equipamentos com sofisticação tecnológica ou recursos de alto custo, pois pode estar presente em adaptações de baixo valor aquisitivo, adaptações simples, materiais ou recursos desenvolvidos conforme as necessidades específicas do usuário.

Nesse sentido, a utilização da TA requer um olhar atendo para o sujeito e para as barreiras presentes no seu dia a dia, levando em consideração suas individualidades, potencialidades, necessidades pessoais e formas de promover a sua participação. No espaço escolar, sua utilização pode não apenas favorecer o acesso ao conteúdo ministrado pelo professor, mas também a interação com os colegas de turma, dando mais autonomia e sentimento de pertencimento. A tecnologia assistiva pode assumir um papel que ultrapassa a função de apenas ser um recurso pedagógico, pois pode consolidar-se como uma possibilidade concreta de garantia de direitos e ampliação de possibilidades de engajamento na perspectiva da Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

BERSCH, R.; TONOLLI, J. C. **Introdução ao conceito de Tecnologia Assistiva e modelos de abordagem da deficiência**. Porto Alegre: CEDI, 2006.

BRASIL. **Ata da Reunião VII, de dezembro de 2007**. Brasília: CAT, 2007. Disponível em: <www.gov.br>. Acesso em: 02/04/2026.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Brasília: Planalto, 2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 02/04/2026.

CALHEIROS, D.S.; MENDES, E.G.; LOURENÇO, G. F. "Considerações acerca da tecnologia assistiva no cenário educacional brasileiro". **Revista de Educação Especial,** vol. 31, n. 60, 2018.

GALVÃO FILHO, T. "As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais?" **Anais do III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial**. Fortaleza: MEC, 2002.

GALVÃO FILHO, T. "Favorecendo práticas pedagógicas inclusivas por meio da tecnologia assistiva". *In*: NUNES, L. R. O. P. *et al*. (orgs.). **Compartilhando experiências**: ampliando a comunicação alternativa. Marília: ABPEE, 2011.

GALVÃO FILHO, T. **Tecnologia Assistiva**: um itinerário da construção da área no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2022.

LAUAND, G. B. A. **Fontes de informação sobre tecnologia assistiva para favorecer à inclusão escolar de alunos com deficiências físicas e múltiplas** (Tese de Doutorado em Educação Especial). São Carlos: UFSCar, 2005.

MANTOAN, M. T. E. "Inclusão escolar: uma escolha fatal". *In*: DUTRA, C. P. (org.). **Educação em pauta 2024**: desafios da educação especial na perspectiva inclusiva no Brasil. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos, 2025.

ROCHA, A. N. D. C.; DELIBERATO, D.; LAMÔNICA, D. A. C. "Assistive technology for children with cerebral palsy at school:

identification of needs". **Brazilian Journal of Special Education**, vol. 18, n. 1, 2012.

RODRIGUES, D. "Questões preliminares sobre o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva". **Revista Inclusão**, vol. 4, n. 1, 2008.

SASSAKI, R. "Por que o termo 'Tecnologia Assistiva'"? **ResearchGate** [1996]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 02/04/2026.

TOYODA, C. Y.; LOURENÇO, G. F. "Educação Inclusiva: o contexto da terapia ocupacional". *In:* ALMEIDA, M. A. *et al*. (orgs.). **Temas em educação especial**: múltiplos olhares. Araraquara: Editora Junqueira e Marin, 2008.